III Congresso Internacional
das Licenciaturas
COINTER - PDVL2016

PRODUÇÃO DE VÍDEO COMO RECURSO DE APRENDIZAGEM: ABORDAGEM SOBRE A PREVENÇÃO DE ARBOVIROSES.

Apresentação: Comunicação Oral

Cristiane Félix da Silva Souto¹; Anderson Alves de Moraes²; Andreza Wendell de Araújo³;
Gilberto Neves de Oliveira⁴

Resumo

O vídeo é um recurso metodológico que apresenta diversas possibilidades de trabalho em todos os níveis e modalidades de ensino. O primordial, em todo processo educativo, é o uso intencional dos recursos disponíveis, ou seja, utilizar materiais e recursos de maneira integrada ao planejamento didático, tendo como objetivo a aprendizagem do aluno. Este estudo analisa a construção e utilização do vídeo como instrumento de intervenção pedagógica no processo de ensino e aprendizagem sobre arboviroses em uma turma do 2º ano do ensino médio no agreste de Pernambuco. Para tanto utilizou-se uma pesquisa qualitativa exploratória utilizando como instrumento metodológico observações e questionários, após o desenvolvimento do trabalho com os discentes participantes ao término da coleta de dados percebeu-se que 90% dos estudantes compreenderam o conteúdo trabalhado de forma contextualizada levaram para comunidade na qual pertencem, a discussão sobre a devida prevenção.

Palavras-Chave: vídeo, ensino e aprendizagem, arboviroses

Introdução

A generalização das redes sociais e o fácil acesso a câmara de vídeo ao alcance das mãos possibilita produzir e distribuir seu próprio material audiovisual em tempo real. O vídeo remete a um contexto de lazer e entretenimento, ressignificando o sentido da aula (que utiliza este recurso), além de solucionar a problemática de uso dos aparelhos celulares sem objetivos de aprendizagem no ambiente escolar.

Entre os diversos recursos tecnológicos que tem se destacado nos últimos anos, a utilização do vídeo como ferramenta didática durante as aulas é uma das mais apreciadas, passando de grande novidade da década de 70 a um aparelho de uso comum nos dias atuais.

¹ Aluna do Mestrado em Educação e Matemática, UFPE/CAA, Cristianefelixfelix@hotmail.com

² Aluno Especial do Mestrado em Educação Contemporânea, UFPE/CAA, andersonmoraissjr@gmail.com

³ Pós-graduada em Psicopedagogia, FACOL Andreza_wendell@hotmail.com

⁴ Pós-graduado em Matemática, FABEJA, gilbertoneoli@hotmail.com

Setton (2011) enfatiza que “ a comunicação de sentidos e valores faz parte da educação. Nesse sentido, tanto as mídias, como a prática pedagógica não viveram sem o intercâmbio de sentidos. ”

Marandino (2009) ressalta que “as chamadas ‘novas tecnologias’ penetram a escola de forma pacífica ou às vezes promovendo rupturas, exigindo novos espaços (...) provocando mudanças em diversos elementos da cultura escolar” que na junção foram uma rede particular de produção e apropriação de saberes.

Os nossos alunos vivenciam um mundo completamente diferente de algum tempo atrás, onde as maiores informações adivinham dos livros. Essa nova geração midiática já chega a escola com sede de aprender algo que lhe seja atraente, significativo, pois já estão conectados nos aparelhos celulares, nos videogames, na internet e são telespectadores desde a infância.

A escola tem o desafio de educar essa nova geração e o vídeo na sala de aula, como geradores de polêmicas, motivadores e informadores.

Acreditarmos na inserção das novas tecnologias de informação e comunicação na escola a utilização do vídeo como recurso tecnológico, a presente pesquisa visa analisar a construção e utilização do vídeo como instrumento de intervenção pedagógica no processo de ensino e aprendizagem sobre as arboviroses em uma turma do 2º ano do ensino médio no agreste de Pernambuco

A pesquisa também realiza uma revisão bibliográfica, destacando o uso do vídeo em sala de aula, apresentando primeiramente a inserção das mídias no espaço escolar, apontando os caminhos que a evolução tecnológica e os novos desafios de ensinar, podem ser utilizados para sua aplicação. E em seguida remente sobre as arboviroses problemática atual com grandes incidências no nosso estado. O estado de Pernambuco.

Revisão bibliográfica

O vídeo no espaço escolar

De acordo com o dicionário Aurélio (2016) vídeo é parte de um equipamento de circuito de televisão que atua sobre os sinais de imagem e permitem a percepção visual das emissões. A busca constante de melhorar a qualidade do ensino-aprendizagem que proporcione prazer e interesse aos alunos, enxerga na utilização do vídeo um recurso tecnológico interessante no planejamento das práticas pedagógicas. Segundo (MORAN, 2012, p. 39) “A linguagem audiovisual desenvolve múltiplas perspectivas: solicita constantemente a imaginação e reinveste a afetividade com o papel

de mediação primordial no mundo (...) ” remetendo assim a incorporação de nova linguagem capaz de propiciar a evolução do indivíduo. Diante disso o professor precisa ao planejar a sua aula deve saber com total clareza o seu objetivo pedagógico tornando assim fascinante relacionando lazer com conhecimento. O vídeo traz para a sala de aula o mundo externo, o cotidiano, as imagens e sons de realidades próximas e distantes, a imaginação e a fantasia. Por meio de imagens, movimento, música, sons diversos, os diversos sentidos são aguçados e a relação dos alunos com os conteúdos abordados se dá de maneira diferenciada.

Atualmente com câmera de vídeo em quase todos os aparelhos celulares e permitindo o fácil acesso e a existência de canais de divulgação na internet como o Youtube, Snapchat, facebook diversas redes sociais que possibilitam divulgação de vídeos houve uma grande proliferação de vídeos. Para Kenski (2014) o uso das diversas plataformas em forma de vídeo de maneira colaborativa amplia o conhecimento de tal maneira que a sala de aula seja somente o espaço de encontro físico, sendo que, com a utilização dessas ferramentas aconteça a incorporação de novos ambientes e processos, por meio dos quais a interação comunicativa e a relação ensino aprendizagem se fortalecem.

Moran (2012) ainda destaca ao apresentar algumas situações de uso de vídeos em aula:

- vídeo como ilustração: auxilia o aluno a compor cenários antes desconhecidos;
- vídeo como simulação: para mostrar, por meio de simulação, processos químicos, por exemplo;
- vídeo como conteúdo de ensino: para informar sobre conteúdo específicos;
- vídeo integrando o processo de avaliação de alunos: dos alunos, do professor e dos processos;
- vídeo como produção: registro.

Podemos observar que ao utilizar os recursos tecnológicos de maneira integrada ao planejamento didático, tendo como objetivo a aprendizagem do aluno. Seja na educação básica ou no Ensino Superior, em cursos presenciais ou a distância, o vídeo pode ser uma ferramenta importante para a aprendizagem, desde que seu uso seja planejado com este fim. Porém, Moran (2012, p. 32) ainda ratifica que cada docente pode encontrar a forma mais adequada para integrar as tecnologias com os procedimentos metodológicos, entretanto é preciso “ que aprenda a dominar as formas de comunicação interpessoal/grupal para ajudar os alunos e diversificar as formas de dar aula”. Sendo assim é importante no planejamento esse momento de destaque tenha presença que juntos professor e aluno observem, analisem e façam suas críticas.

Cada vez mais presentes nas escolas, são os projetos de produção audiovisual, onde alunos e professores produzem seus próprios vídeos informativos, em muitas vezes são a síntese de

conteúdos abordados em diversas disciplinas, produto final de algum projeto desenvolvido, ou ainda se constituírem em importantes formas de expressão de vivências, emoções ou opiniões.

As arboviroses

Arboviroses são doenças causadas por vírus, os vírus são organismos extremamente simples, diferindo dos demais seres vivos por não possuírem organização celular, metabolismo próprio e por não serem capazes de se multiplicar sem auxílio de uma célula hospedeira. São parasitas intracelulares obrigatórios. Os vírus são exclusivamente patógenos (BRITO, 2012), e são transmitidos por artrópodes e são assim chamados de arbovírus não somente pela sua veiculação através de artrópodes, mas, principalmente, pelo fato de parte de seu ciclo replicativo ocorrer nos insetos. São transmitidos aos seres humanos e outros animais pela picada de artrópodes hematófagos. Os arbovírus que causam doenças em humanos e outros animais de sangue quente são membros de cinco famílias virais: *Bunyaviridae*, *Togaviridae*, *Flaviviridae*, *Reoviridae* e *Rhabdoviridae*.

Estima-se que haja mais de 545 espécies de arbovírus, dentre as quais, mais de 150 relacionadas com doenças em seres humanos, sendo a maioria zoonótica. São mantidos em ciclo de transmissão entre artrópodes (vetores) e reservatórios vertebrados como principais hospedeiros amplificadores. As arboviroses têm se tornado importantes e constantes ameaças em regiões tropicais devido às rápidas mudanças climáticas, desmatamentos, migração populacional, ocupação desordenada de áreas urbanas, precariedade das condições sanitárias que favorecem a amplificação e transmissão viral. São transmitidas pelo sangue de pacientes virêmicos, por insetos hematófagos, o que não deixa de ser uma preocupação na doação de sangue em áreas endêmicas.

O Brasil é constituído por uma grande extensão terrestre (pouco mais de 8.500.000 km²), situado em uma área predominantemente tropical, com extensas florestas na Região Amazônica, além de florestas no Leste, sudeste e litoral sul. Apresenta também uma grande região de pântano (Pantanal) no centro-oeste, uma região de savana (Cerrado), na área do planalto central, e uma região seca (Caatinga) no interior nordestino. A maior parte do País tem um clima tropical, sendo um local adequado para a existência do vetor e, portanto, para a ocorrência de arboviroses.

As manifestações clínicas das arboviroses em seres humanos podem variar desde doença febril (DF) indiferenciada, moderada ou grave, erupções cutâneas e artralgia (AR), a síndrome neurológica (SN) e síndrome hemorrágica. O sintoma geralmente se apresenta como o de gripe, como febre, cefaleia, dor retro-orbital e mialgia. A Síndrome Neurológica pode manifestar-se como mielite, meningite e/ou encefalite, com mudanças de comportamento, paralisia, paresia, convulsões

e problemas de coordenação. A AR manifesta-se como exantema ou *rash* maculopapular, poliartralgia e poliartrite, enquanto que a SH é evidenciada pelas petéquias, hemorragia e choque combinado com uma redução intensa de plaquetas.

O único continente onde os arbovírus não são endêmicos é o Antártico. Estes vírus tendem a ter uma distribuição geográfica e climática restrita, como parte de um subsistema ecológico especial representado pelos vírus, vetores, hospedeiros amplificadores e reservatórios.

A Dengue, chikungunya e zika são três vírus que estão circulando ao mesmo tempo no Brasil, colocando a saúde pública em alerta. Para ajudar a população a entender melhor a atual situação, a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) preparou o infográfico "*Aedes* em foco: arboviroses em expansão no Brasil", que trata das origens dessas enfermidades, sintomas, complicações e riscos na gravidez e para recém-nascidos. Essas três arboviroses citadas são transmitidas pelo mesmo vetor, o mosquito *Aedes aegypti*.

Embora apresentem sinais clinicamente parecidos, como febre, dores de cabeça, dores nas articulações, enjoo e exantema (*rash* cutâneo ou manchas vermelhas pelo corpo), há alguns sintomas marcantes que diferem as enfermidades. O conteúdo presente no infográfico foi elaborado com base em um artigo científico de pesquisadores da Fiocruz e do Núcleo Operacional Sentinela de Mosquitos Vetores, publicado em maio de 2015 na revista Cadernos de Saúde Pública, cujo tema central é o estabelecimento de chikungunya no País. Com importantes descobertas sobre associação entre o zika vírus e casos de microcefalias no Brasil e a Síndrome de Guillain Barré, o material foi ampliado.

Aedes em Foco

Arbovíruses em Expansão no Brasil

DENGUE, CHIKUNGUNYA E ZIKA: ORIGENS

São 3 doenças infecciosas transmitidas por mosquitos (arbovíruses), particularmente por *Aedes aegypti* e *Aedes albopictus*.

DENGUE

Primeira origem conhecida: no Afeganistão, interior do século XIX, quando a primeira epidemia de dengue afetou o Reino Unido, Colômbia e Venezuela.

CHIKUNGUNYA

Vírus originário da África. Foi isolado em 1946 no Zaire, no Camerão e na Índia.

ZIKA

Em 1947, o vírus foi isolado pela primeira vez a partir de um macaco na África. Em 1952, foi isolado no Brasil.

PRIMEIROS CASOS NO BRASIL

Descobertos em 2014, com ocorrência de epidemias no Rio de Janeiro e em São Paulo.

No início de 2015, nos Estados Unidos, foi isolado o vírus em um caso de dengue no país.

CHIKUNGUNYA: A ROTA DA DOENÇA NO MUNDO

DENGUE, CHIKUNGUNYA E ZIKA - ASPECTOS CLÍNICOS

SINTOMAS	DENGUE	CHIKUNGUNYA	ZIKA
	FEBRE Alta (38°C a 40°C), que começa subitamente.	FEBRE Alta (38°C a 40°C), que começa subitamente.	FEBRE Leve ou de menor duração.
	DORES Nos músculos, nas articulações, na cabeça e no corpo.	DORES Inclui nas articulações e nos músculos. Pode ser muito dolorosa, dificultando a movimentação (nos dentes, etc.).	DORES Em alguns casos, intensas nas articulações, mas geralmente menos duradouras.
	MANCHAS VERMELHAS Surt, as vezes com coceira.	MANCHAS VERMELHAS Surt, com coceira intensa.	MANCHAS VERMELHAS Surt, com coceira intensa.
	ATENÇÃO Riscos de complicações graves: - Febre alta, duração prolongada - Vômitos, náuseas - Dor abdominal - Hemorragias - Complicações graves no sistema nervoso central - Complicações graves no sistema respiratório - Complicações graves no sistema cardiovascular - Complicações graves no sistema renal - Complicações graves no sistema hepático - Complicações graves no sistema endócrino - Complicações graves no sistema reprodutivo - Complicações graves no sistema imunológico - Complicações graves no sistema hematológico - Complicações graves no sistema linfático - Complicações graves no sistema circulatório - Complicações graves no sistema digestivo - Complicações graves no sistema urinário - Complicações graves no sistema muscular - Complicações graves no sistema esquelético - Complicações graves no sistema integumentar - Complicações graves no sistema sensorial - Complicações graves no sistema motor - Complicações graves no sistema nervoso central - Complicações graves no sistema nervoso periférico - Complicações graves no sistema nervoso entérico - Complicações graves no sistema nervoso autônomo - Complicações graves no sistema nervoso endócrino - Complicações graves no sistema nervoso reprodutivo - Complicações graves no sistema nervoso imunológico - Complicações graves no sistema nervoso hematológico - Complicações graves no sistema nervoso linfático - Complicações graves no sistema nervoso circulatório - Complicações graves no sistema nervoso digestivo - Complicações graves no sistema nervoso urinário - Complicações graves no sistema nervoso muscular - Complicações graves no sistema nervoso esquelético - Complicações graves no sistema nervoso integumentar - Complicações graves no sistema nervoso sensorial - Complicações graves no sistema nervoso motor - Complicações graves no sistema nervoso nervoso central - Complicações graves no sistema nervoso nervoso periférico - Complicações graves no sistema nervoso nervoso entérico - Complicações graves no sistema nervoso nervoso autônomo - Complicações graves no sistema nervoso nervoso endócrino - Complicações graves no sistema nervoso nervoso reprodutivo - Complicações graves no sistema nervoso nervoso imunológico - Complicações graves no sistema nervoso nervoso hematológico - Complicações graves no sistema nervoso nervoso linfático - Complicações graves no sistema nervoso nervoso circulatório - Complicações graves no sistema nervoso nervoso digestivo - Complicações graves no sistema nervoso nervoso urinário - Complicações graves no sistema nervoso nervoso muscular - Complicações graves no sistema nervoso nervoso esquelético - Complicações graves no sistema nervoso nervoso integumentar - Complicações graves no sistema nervoso nervoso sensorial - Complicações graves no sistema nervoso nervoso motor - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso central - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso periférico - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso entérico - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso autônomo - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso endócrino - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso reprodutivo - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso imunológico - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso hematológico - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso linfático - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso circulatório - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso digestivo - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso urinário - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso muscular - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso esquelético - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso integumentar - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso sensorial - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso motor - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso central - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso periférico - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso entérico - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso autônomo - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso endócrino - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso reprodutivo - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso imunológico - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso hematológico - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso linfático - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso circulatório - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso digestivo - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso urinário - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso muscular - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso esquelético - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso integumentar - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso sensorial - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso motor - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso central - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso periférico - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso entérico - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso autônomo - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso endócrino - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso reprodutivo - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso imunológico - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso hematológico - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso linfático - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso circulatório - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso digestivo - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso urinário - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso muscular - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso esquelético - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso integumentar - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso sensorial - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso motor - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso central - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso periférico - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso entérico - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso autônomo - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso endócrino - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso reprodutivo - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso imunológico - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso hematológico - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso linfático - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso circulatório - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso digestivo - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso urinário - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso muscular - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso esquelético - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso integumentar - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso sensorial - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso motor - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso central - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso periférico - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso entérico - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso autônomo - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso endócrino - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso reprodutivo - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso imunológico - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso hematológico - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso linfático - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso circulatório - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso digestivo - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso urinário - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso muscular - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso esquelético - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso integumentar - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso sensorial - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso motor - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso central - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso periférico - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso entérico - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso autônomo - Complicações graves no sistema nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso nervoso endócrino - Complicações graves no sistema nerv		

Considerando as vantagens de se utilizar o recurso didático tecnológico vídeo no processo de ensino-aprendizagem o objetivo da nossa pesquisa é elaborar e avaliar a utilização do vídeo como recurso tecnológico na abordagem da prevenção das arboviroses.

Metodologia

A pesquisa foi executada com quatro momentos distintos: pesquisa, elaboração e gravação do vídeo, planejamento de ensino, exibição e discussão do vídeo em sala de aula e por último a realização de uma avaliação através de questionário sobre a compreensão dos alunos quanto a prevenção das arboviroses.

Como desenho metodológico utilizamos o método qualitativo exploratório.

A pesquisa do tipo qualitativa preocupa-se com a qualidade dos dados coletados, centrados principalmente em explicações e experiências analisadas em diversas situações do dia a dia.

O trabalho foi realizado em uma escola do agreste de Pernambuco em uma turma do 2º ano do ensino médio. Entre as várias formas de coletas de dados neste método investigativo, utilizaremos a observação participante e o questionário.

A observação participante é uma técnica de coleta de dados que não consiste em apenas ver ou ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar. É um elemento básico de investigação científica, utilizado na pesquisa de campo como abordagem qualitativa. (MAY 2001).

Gil (2010, p.121) destaca que o questionário pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.”. O questionário aplicado será do tipo semiestruturado. São perguntas fechadas, mas que apresentam uma série de possíveis respostas, abrangendo várias facetas do mesmo assunto.

Inicialmente foram pesquisados conteúdos sobre arboviroses, após a pesquisa realizada o material levantado foi levado pelos alunos para a sala de aula, discutidos entre o professor e alunos trazendo sobre a temática arbovirose; o que é, diferença entre elas, quais os tipos e prevenção em seguida foi planejado a construção de um vídeo pelos alunos na comunidade em que residem ao realizarem visitas nos domicílios e apresentarem os meios de prevenção, esse vídeo foi editado com o objetivo de levar a informação de como se prevenir também através das redes sócias

.Após o vídeo ter sido elaborado em seguida foi disponibilizado nas redes sociais pelos próprios alunos cujo link é <https://www.youtube.com/watch?v=IpR491oBQSA>.

Dando continuidade realizamos a discussão do vídeo produzido em sala com todos os alunos, procurando levantar que aspecto o vídeo procurou abordar, a questão da prevenção e como avaliação nesse processo utilizamos a observação participante

Observou-se total engajamento e participação dos alunos, onde percebeu-se que fizeram nas suas casas uma leitura prévia e ao chegar na sala de aula apresentavam segurança nas suas discussões.

E na última etapa realizou-se uma avaliação através da aplicação de questionário objetivando avaliar se houver a compreensão do conteúdo e pelos alunos que participam da pesquisa, sobre a prevenção das arboviroses.

A proposta do trabalho foi desenvolvida no período maio a junho de 2016, com 48 alunos do 2º ano do ensino médio, a escolha por esta turma foi em virtude dos conteúdos programáticos da referida série versarem sobre vírus, doenças e artrópodes. Entre outros.

Resultados e discussões

A primeira atividade realizada pelos alunos foi pesquisar sobre a temática arboviroses e trazer o material pesquisado para sala de aula para discutir-se através de uma roda de conversa discussão mediada pelo professor realizada com os alunos da sala. No momento discutiu-se sobre o que são arboviroses, as diferenças entre as principais arboviroses, como se adquire, quais as complicações e como evitar.

Durante a segunda atividade os alunos foram orientados pelo professor a planejar um vídeo e produzir na comunidade a fim de levar informação sobre a prevenção das arboviroses. A escolha do vídeo na comunidade pensou-se em ser produzindo naquele lugar (a comunidade onde eles residem) pois procuramos adentrar no cotidiano do nosso aluno, no sentido de muitos alunos da nossa escola terem apresentados licenças médicas para tratamento de arboviroses neste ano de 2016, Segundo Lipai et al (2007), o educador ou educadora precisa relacionar o conteúdo a ser trabalhado com o cotidiano dos educandos. É necessário compreender os problemas que afetam a sua vida, a de sua comunidade a de seu país e a do planeta.

Na terceira atividade o vídeo produzido foi apresentado a todos os alunos e em seguida analisou se o vídeo correspondeu ao esperando, se durante o vídeo o objetivo proposto foi alcançando, como os alunos sentiram-se sendo protagonista da atividade desenvolvida.

Diante dessas discussões através do método da observação como instrumento aplicado na pesquisa percebeu-se que os alunos se sentiram entusiasmados com a atividade proposta, que estudaram e procuraram levar a mensagem da prevenção de forma correta, que no início houve timidez para participar como autores na produção do vídeo, porém logo seguida essa timidez ficou de lado e autoconfiança surgiu, o empenho foi geral e a atividade foi concluída.

Na quarta e última etapa os alunos foram chamados a responder, escolhemos através de sorteio 20 alunos da sala onde a pesquisa foi desenvolvida aplicamos um questionário com questões tipo subjetivas para avaliar a sua compreensão frente a atividade propostas e fruto das várias etapas do decorrer do trabalho, o questionário foi elaborado com 4 questões escolheu-se o questionário tipo subjetivo pois permite que os alunos fiquem à vontade para dissertar sobre o conhecimento construído.

Na primeira questão os alunos responderam qual é o entendimento deles sobre arboviroses, a maioria cerca de 74% que corresponde a 14 alunos afirmaram que arboviroses é uma doença causada por arbovírus e que são transmitidas por artrópodes. 2 alunos apenas não responderam e o restante totalizando 4 alunos afirmaram que arboviroses eram apenas uma doença não soube explicar que tipo de doença, a resposta ficou assim incompleta. A segunda pergunta referia-se quais são as principais diferenças entre dengue, zika e chikungunya, essas respostas chamaram atenção pois 80% um total de 16 alunos dos 20 pesquisados afirmaram corretamente quais são as diferenças entre elas. Apenas um aluno não respondeu e 3 não conseguiram diferenciar, na terceira questão abordou quais as complicações que essas doenças podem causar ao serem adquiridas. Neste questionamento 15 alunos responderam desde os problemas leves como manchas pelo corpo até a morte, a maioria listaram de forma bem organizada as complicações geradas pelas arboviroses, 2 não responderam e 3 responderam que quem adquire não tem problema nenhum, não desenvolve nada e a última questão que remete a questão da prevenção e a questão objeto da nossa pesquisa a pergunta foi a seguinte: como se deve evitar as arboviroses esta questão os alunos responderam com total confiança e corretamente afirmaram as medidas de prevenção e ainda incluíram o saneamento básico como uma prevenção de longo prazo. Totalizando um percentual de 95% apenas um aluno não responde.

Esses alunos que não responderam em algum momento algumas das questões propostas não podemos excluir e nem aceitar que construíram o conhecimento, na medida que eles não responderam muitas variáveis ficaram abertas não podemos afirmar por não responderem, eles não sabem ou não construíram o conhecimento durante a pesquisa, poderão estarem tímidos ou em apenas não querer responder, ou realmente não estão com o conhecimento construído.

Considerações Finais

A busca de alianças entre prática metodológica e a construção do conhecimento através do recurso tecnológico (vídeo) enquanto recurso educativo possibilita a compreensão de conteúdos programáticos indispensáveis à formação de cidadãos. No momento que é utilizado de forma adequada torna-se uma importante ferramenta de ensino-aprendizagem, visto que contempla a construção e socialização do conhecimento. Proporcionando a motivação e a autoestima.

O professor precisa buscar, conhecer e estar consciente dos seus objetivos para não utilizar o recurso tecnológico apenas como uma aula diferente, precisa estar bem claro que finalidade pretende alcançar. A pesquisa apresentou um resultado interessante e ficou clara que ao utilizá-lo, e trazer o aluno como personagem principal desde o levantamento do conteúdo até a produção do vídeo, o conhecimento passa a ter significado e é melhor compreendido e construído por eles, tornando-os protagonista da aprendizagem, percebendo também que o vídeo como recurso tecnológico apresenta uma metodologia que gera a interação, potencializando a extensão do conhecimento, induzindo a despertar a criatividade, instigando princípio ético e de cidadania baseado na temática abordada. A edição e divulgação produziu efeitos positivos na comunidade na medida em que eles se enxergam como integrantes do meio.

Envolver os alunos no projeto de produção do vídeo permitiu a eles uma nova proposta de conteúdo sobre a temática arboviroses com estratégia dinâmica, permitindo o estudante ser produtores e não apenas consumidores de conhecimento. Observou-se também que vídeo pelo vídeo não gera aprendizagem significativa é necessária uma abordagem com objetivos bem claros e deixando bem visível que o vídeo não é a tecnologia que irá fazer a diferença, o vídeo é um recurso tecnológico que deve ser utilizado com planejamento

Referências

BRITO, A. M; Doenças transmitidas por carrapatos. 2012. Disponível em: <http://www.portaleducacao.com.br/veterinaria/artigos/14880/doencas-transmitidas-por-carrapatos#ixzz2bzWeOkHr> > Acesso em 10 de junho de 2016

DAVEL, E.; VERGARA, S.C.; GHADIRI, D.P. (org.). **Administração com arte:** Experiências vividas de ensino-aprendizagem. São Paulo: Atlas, 2007

Dicionário online Aurélio <https://dicionariodoaurelio.com/video> pesquisado em 12 de julho de 2016

GIL, A.C. Métodos e técnicas de pesquisa social. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008

KENSKI, Vani Moreira. Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação. 4ª Reimpressão – Campinas- São Paulo: Papirus, 2014.

MARANDINO, Martha; SELLES, Sandra E; FERREIRA, Márcia S. Ensino de biologia: histórias e práticas em diferentes espaços educativos. São Paulo: Cortez, 2009. Coleção Docência em Formação. (Série Ensino Médio)

MAY, T. Pesquisa social. Questões, métodos e processos. 2001. Porto Alegre, ed. Artemed

MORAES, Maria Cândido; TORRE, Saturnino de La. Senti pensar: fundamentos e Práticas para reencantar a educação. Petrópolis/RJ: Vozes, 2004.

MORAN. JOSÉ MANOEL. Marcos T. Massetto, Marilda Aparecida Behrens. Novas Tecnologias e mediações pedagógicas. 19ª Edição – Campinas. SP: Papirus, 2012. 1 Reimpressão.

LIPAI, E. M; LAYARGUES, P.P; PEDRO, V. V. 2007. **Educação Ambiental na escola: está na lei.** In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Departamento de Educação Ambiental. Unesco. Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola. Brasília. p. 23-33

SETTON, MARIA DAS GRAÇAS. Mídia e Educação – 1ª Reimpressão – São Paulo: Contexto 2011.

VICENTINI, G. W., DOMINGUE, M. J. C. S., *O uso do vídeo como Instrumento didático em sala de aula.* Curitiba, 2008. Disponível em: <http://home.furb.br/mariadomingues/site/publicacoes/2008/eventos/evento-2008-09.pdf>

Características gerais e epidemiologia dos arbovírus emergentes no Brasil
http://scielo.iec.pa.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-62232014000300007